

O Tempo de Plínio*

J.A. Swieca e A.L.L. Videira[†]

A 17 de agosto de 1972 a Inteligência brasileira perdia um dos seus mais representativos membros.

Durante um quarto de século, de 1942 a 1969, foi Profes-

*Este artigo foi escrito em Novembro de 1972. (N.A.)

[†][Nota dos Editores] Este artigo, até hoje inédito, foi escrito para homenagear a figura de Plínio Sussekind Rocha, um dos mais importantes professores brasileiros de física do século passado. Os seus autores – Jorge André Swieca (Varsóvia, 1936- São Carlos, 1980) e Antonio Luciano Leite Videira – foram alunos de Plínio na segunda metade da década de 1950 na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro. As aulas de mecânica analítica influenciaram profundamente Swieca e Videira a ponto de, juntamente com outro colega de turma – Nicim Zagury, reunirem-se aos sábados com o Prof. Plínio para discutirem a teoria da relatividade. Os três ligaram-se ao mestre por fortes laços de amizade, que perduram até a morte deste último. Para aqueles que o conheceram, Plínio era figurate marcante e sedutora. Muitos foram atraídos pelo seu brilhantismo. A título de exemplo, podem-ser lembrados os nomes de Mário Shemberg (1914-1990), Elisa Frota-Pessoa, Joaquim Pedro de Andrade (1932-1988), Sarah de Castro Barbosa, entre muitos outros. A amizade e a devoção a Plínio eram tantas que André Swieca e Luciano Videira, juntamente com outro jovem – Wilson Lagalhard, auxiliaram-no na redação da sua tese de cátedra, intitulada *A mecânica de d'Alembert*, a qual também permanece inédita, uma vez que o concurso nunca se realizou. Na época em que o texto foi redigido, Swieca e Videira eram colegas no Grupo de Física Teórica no Departamento de Física da PUC/RJ, para onde foram após passarem alguns anos na USP. Até onde é possível saber, este texto deveria ter sido publicado numa revista da universidade paulista, o que não aconteceu, sem que conheçam as razões para isso. Além do texto escrito por Swieca e Videira, este artigo traz, como apêndice, umas notas sobre Plínio. Ela foi aqui reproduzida, uma vez que contém informações ausentes no trabalho principal. A série *Ciência e Sociedade* publicou dois outros trabalhos, ambos de autoria de A.L.L. Videira, nos quais podem ser encontradas outras informações sobre Plínio e Swieca:

1) A obra de Jorge André Swieca e o seu papel na física brasileira,

http://cbpfindex.cbpf.br/publication_pdfs/

CS00585.2010.09.14.11.56.09.pdf

2) Leibniz e a cadeira de cinema,

http://cbpfindex.cbpf.br/publication_pdfs/

CS01897.2010.08.19.17.01.58.pdf

sor Titular de Mecânica Racional, Mecânica Celeste e Física Matemática na Faculdade Nacional de Filosofia. Várias gerações de físicos brasileiros passaram por seus cursos e raros aqueles que de uma forma ou outra não ficaram marcados pela sua influência.

E, sobretudo, ele faz muita falta. Numa população de 10⁸ indivíduos é de se esperar que haja de tudo e que se encontrem os mais diversos tipos, caracteres, personalidades, inteligências, culturas, éticas. Mas, talvez, não seja fácil ao pesquisador interessado encontrar uma figura realmente de caráter, de personalidade definida (positiva) e consistente, de inteligência brilhante e multifásica, de cultura verdadeira e em profundidade, de uma ética sem compromissos. Plínio Sussekind Rocha era esse ponto singular, esse polo quase que único no plano da nossa realidade.

Povo subdesenvolvido – ou, se quiserem e preferirem, em vias de desenvolvimento –, é natural e compreensivo que entre nós pululem com certa impunidade as mediocridades e as incompetências. Elas se entendem, se acobertam, se emulam, se protegem e promovem. É natural. O que não é natural, o que surpreende e gratifica, é encontrar um “Professor Plínio” pela frente num meio como esse. É evidente que o vamos encontrar marginalizado; é claro que ele se encontrará à parte e por cima, já que, certamente, não poderá estar “inserido no contexto”.

O que nós estamos tentando fazer não é apresentação, não é esboço ou panegírico de Plínio Rocha. Desnecessário, inútil, ortogonal mesmo, assim o cremos, à sua maneira de pensar e à maneira como sempre conduziu e orientou a sua vida. Estamos aqui, simplesmente, a conversar como os “iniciados”, procurando fazer com que eles, ao lerem estas linhas, voltem-se para dentro e vão procurar no tempo as suas memórias, as suas recordações, as suas vivências com o Plínio.

Ah esse Plínio ...

Muitos pontos tinha ele que lhe individualizavam a figura e não há quem o tivesse conhecido que não tenha alguma coisa interessante a contar, algum episódio curioso a relatar e a relembrar. Típico de Plínio – para lhe dar a dimensão – é que, certo dia, num cinema, afirmou que sempre se sentava mais ou menos à frente e à esquerda. Perguntado pelas razões, desfiou-as todas e o interlocutor, de boca aberta, viu-se envolvido, muito “plínicamente”, numa explicação que envolvia razões geométricas, sensoriais, técnicas e filosóficas, sendo Leibnitz trazido como elemento importante e preponderante na nossa escolha de uma cadeira de cinema.

Teve, aliás, durante toda a sua vida, um enorme interesse por Cinema – desde que mudo, bem entendido, porque é claro que nunca aceitou a sobreposição do som à imagem. À sua mente analítica agradava a montagem cuidada e in-

teligente de uma cena, tomada a tomada, corte a corte. (“Cinema é corte!”). É reconhecida a sua cultura cinematográfica e ficará, para sempre, na memória dos poucos privilegiados que o ouviram, a sua digressão sobre a famosa cena da Proissão no filme *Linha Geral*, de Eisenstein.

Assistir a um curso dado pelo Plínio envolvia sempre um clima de desafio. O seu famoso curso de Mecânica Analítica da antiga Faculdade Nacional de Filosofia, quando esta funcionava no que havia sido o prédio da Casa da Itália, no Castelo, constituía-se em um dos pontos máximos dos estudantes que pretendiam formar-se em Física ou Matemática: altamente estimulante para alguns, enormemente apavorante para muitos. Mas sempre desafiante!

Plínio Rocha, como professor, exigia que os seus alunos fossem verdadeiramente *universitários* e que lhe apresentassem, a ele e a si próprios, as qualidades mínimas necessárias para uma carreira no Ensino e na Pesquisa da Física e da Matemática. Mais do que qualquer outro mestre, fazia-nos ele ver as nossas deficiências e insuficiências, apontando, ao mesmo tempo, com precisão, aqueles poucos que poderiam vir a distinguir-se nas árduas carreiras escolhidas.

Frequentemente pouco caridoso no julgamento de seus alunos, constituía-se em barreira insuperável para muitos, que com um fatalismo estóico, mas inútil, enfrentavam a sua Mecânica Analítica, ano após ano, sem conseguir romper para diante. Outros, mais afortunados, galgavam esse muro analítico, aos trancos e barrancos, para surgirem do outro lado, ofegantes, pálidos de emoção e ansiosos para esquecerem esse transe doloroso.

Havia aqueles, contudo, que distinguiram no seu curso uma forte componente cômica e que muito se divertiam com isso. Havia, por exemplo, as provas sem limite de tempo, em que a fome e o cansaço impunham-se como últimos limites aos seus angustiados estudantes. E era inegavelmente engraçado ver o à vontade do Plínio a comer sanduiches de presunto e a beber guaraná, enquanto alguns de nós penavam durante seis horas ininterruptas. Divertido, também, era ver-se o afã com que se compulsavam os inúmeros alfarrábios e cadernos de apontamentos que ele, frequentemente, nos deixava levar livremente para as suas provas e que muito raramente serviam de alguma coisa, a não ser fazer-nos perder tempo.

Divertido, sobretudo, era ver alguns de seus melhores alunos, aqueles mesmos que o Mestre, secretamente já havia unjido com a sua aprovação, enfiados pelo pavor de serem reprovados, de jamais se poderem formar, de verem frustradas no nascedouro todas as suas juvenis esperanças de uma carreira científica.

Homem pouco dado a escrever, não é possível que o meçamos pelo pouco, pouquíssimo, que deixou no papel. Quantas vezes, sempre de improviso, sem preparo, apenas se interrompendo para acender o inevitável cigarro, não começava o Plínio a falar com brilhantismo, com erudição, com um encantamento lógico e preciso das idéias, dos conceitos, das citações, das imagens, figurações, exemplos. Famoso pelas suas definições, pelos seus paradoxos, pelas suas provocações intelectuais, foi, sem sombra de dúvida, uma das mais válidas figuras verdadeiramente intelectualizadas que conhecemos. E, contudo, quase nada ficou impresso

das suas idéias, das suas concepções, dos seus juízos.

Compreendem, pois, aqueles que não privaram com ele, ou que o conheceram mal, que temos razão em defender que ele era algo de raro e que nos faz muita falta.

O diabo com a língua portuguesa é que lhe gastaram certas palavras – sobretudo adjetivos – de tal modo que não há meia-sola que dê jeito. Assim, por exemplo, como empregar “lúcido”? E, no entanto, Plínio, destacou-se pela sua lucidez. Costuma-se, quase que obrigatoriamente, mencionar um “espírito crítico”. E, sem sombra de dúvida, quase que acima de tudo, Plínio foi um CRÍTICO! Crítico por excelência, por gosto, sobretudo por necessidade. O crítico global, o crítico puro. Apesar dos reconhecidos e óbvios excessos de sua análises, seja sobre pessoas, seja sobre situações, seja sobre acontecimentos, é impossível negar a essas análises o poder cortante e incisivo de seu espírito crítico e lúcido, embora, frequentemente, hiperbólico.

Certamente o mais profundo conhecedor no seu tempo, no Brasil, de História e Filosofia da Ciência, a maior parte, se não quase que a totalidade de sua obra permanece inédita, enclausurada em manuscritos, que ele, levado pelo seu “espírito crítico”, revia um sem número de vezes, buscando sempre um refinamento adicional, antes de alcançar se não uma versão definitiva, pelos menos uma que possibilitasse a sua divulgação. Ah, esse LIMITE jamais alcançado! Esse LIMITE das ideias, esse LIMITE da forma, da análise apurada, da erudição sem lantejoulas. Ah esse LIMITE de Mário Peixoto!

E agora? Será que alguns dentre os nossos parcos leitores poderão acompanhar o encadeamento cinematográfico, ou estaremos ficando tão crípticos, que só mesmo os verdadeiramente “iniciados” poderão seguir-nos? Sim, como é que se pode lembrar Plínio Sussekind da Rocha sem trazer à tona o tema recorrente, a noção multifacetada do filme LIMITE?

Até à morte, falava-nos ele de LIMITE, propunha-nos ele problemas envolvendo LIMITE – a sua projeção, a sua eventual e sempre, sempre, extremamente problemática exibição; a sua apresentação sempre como meta LIMITE raramente, muito raramente atingida. As cópias: Indignas! Falsas! Deturpadas! A única correta, limpa, pura, integral, sendo a dele, sob a sua guarda. Mas, então? pode-se sê-lo? Não. É preciso um projetor especial e raríssimo no Rio de Janeiro; “Fulano - você veja se arranja na (...) com que ...” E assim se adia a obtenção do LIMITE. Para depois, para o futuro, para um LIMITE não definido.

O tempo, o espaço, o espaço-tempo, o sentido e significado do tempo em Mecânica Clássica e em Mecânica Quântica; os fundamentos da primeira e a interpretação probabilística da segunda – nenhum dos grandes problemas epistemológicos escapou à sua análise. Sobre todos se debruçou o seu interesse, embora um se destacasse ímpar à sua curiosidade: o tempo.

Tempo guardado em milhares de anotações e apontamentos. Tempo que se escoou, fluíu e que finalmente, terminou.

(Apêndice)

PLÍNIO SUSSEKIND ROCHA

Nascido no Rio de Janeiro em 22 de dezembro de 1911.

Morto em São Paulo em 17 de agosto de 1972 (após uma intervenção cirúrgica no coração).

Sempre viveu no Rio: nos anos 50 e 60, em Copacabana, na Rua Aires Saldanha. No fim dos anos 60 e até ao fim da vida, no centro da cidade, próximo à Faculdade de Filosofia; a um colégio estadual onde dava aula à noite; ao hospital do governo estadual (onde afinal acabou mesmo sendo internado); a uma leiteria, onde pudesse a qualquer momento conseguir leite (seu principal alimento); próximo de um ponto de taxis; e, finalmente, próximo à Lapa, onde se encontra o Restaurante e Bar Brasil (esquina de Mem de Sá), onde gostava de jantar, tomar um chope e encontrar os seus muitos e fiéis amigos. (Em Copacabana, seu bar preferido era o Alcazar, onde encontrava Paulo Emílio Salles Gomes, sempre que este chegava de São Paulo). Não foi realmente trivial para os amigos do prof. Plínio conseguir-lhe um apartamento que reunisse características tão peculiares.

A convite de Santiago Dantas, ajudou a fundar a Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (hoje UFRJ), onde foi professor catedrático até à sua aposentado-

ria forçada pelo AI-5. Depois disso, teve vários convites para trabalhar no exterior, mas a todos recusou, por razões diversas (a Nápoles não quis ir, por exemplo, por causa do Vesúvio). Passou algum tempo em Paris, cidade que amou mas que, a seu ver, pecava por não ter leiterias. Em 1971 foi nomeado, à revelia, Professor Assistente de Mecânica na Universidade de Marselha. Não viveu o bastante para prestar mais esse serviço à comunidade dos homens.

Por excesso de perfeccionismo, deixou poucos trabalhos publicados, nunca tendo julgado acabada qualquer uma das suas obras. Destaca-se, entretanto, pela originalidade, sua *Axiomática do Espaço-Tempo*, menos relacionada à Mecânica do que à Filosofia da Ciência.

Embora declarado formalmente como “Professor de Mecânica Racional, Analítica e Celeste e de Física Matemática”, rótulos como estes, na verdade, não poderiam jamais defini-lo ou enquadrá-lo. Plínio foi um espírito universal, um “INTELECTUAL” na mais nobre e abrangente acepção do termo. Cientista, Artista e Filósofo, Cineasta da Ciência e Cientista do Cinema, um dos espíritos mais livres e originais que a Cultura Brasileira jamais produziu, poucos de nós, entretanto, tiveram o privilégio do seu contato pessoal. A obra escrita que nos legou, por importante e poderosamente fecunda que seja, será sempre demasiado pequena em comparação com o inestimável legado de ideias com que nos premiou, através de seu convívio. Podemos dizer que somos, de fato, toda uma geração marcada pela presença insubstituível de Plínio Sussekind Rocha.



Plínio Sussekind Rocha

*22 de dezembro de 1911 – †17 de agosto de 1972